

DA ESTEPE À CAATINGA: O ROMANCE RUSSO NO BRASIL (1887-1936) *

Bruno Barretto GOMIDE

RESUMO *A partir de fins da década de 1880, as obras de escritores russos começaram a ser discutidas no Brasil. Isso ocorreu na esteira da onda de difusão internacional do romance russo deflagrada em França, especialmente pelo ensaio-manifesto Le roman russe (1886) de Eugène-Melchior de Vogüé e por um grande número de traduções. Esta tese apresenta os contornos desse debate, segue os principais pontos do argumento crítico e detecta as fontes bibliográficas mais importantes para os intelectuais brasileiros no período de 1887 a 1936.*

ABSTRACT *From the late 1880's onwards literary works of Russian writers began to be known in Brazil. This process was a fraction of the widespread interest in the Russian novel, which was aroused in France especially by Eugène-Melchior de Vogüé's essay-manifest Le roman russe (1886) and by a large body of translations. This dissertation situates this discussion within the transnational patterns of literary criticism. It also identifies the main bibliographical sources for Brazilian intellectuals in the 1887-1936 period.*

O romance russo pôde ser veiculado facilmente entre nós. Todo o mundo sabe por quê.

Tasso da Silveira, Tendências do pensamento contemporâneo.

A presença de alguns escritores russos na literatura e na vida literária brasileira volta e meia é evocada por pesquisadores de tempos e propósitos vários. Sabe-se que houve, na década de 30, certa bruma dostoiévskiana impregnando intelectuais. Ou que literatura russa e problemática social sempre foram companheiras de viagem. A circulação de Dostoiévski e Tolstói seria, então, reflexo de 1905 ou 1917, marcos

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 16 de junho de 2004, orientada pelo Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.

“naturais” desse caminhar. E Lima Barreto o escritor filo-eslavo por excelência. São fenômenos reais e importantes. Em geral, mais pressentidos e esboçados do que efetivamente destrinchados.

Alguns passos foram dados nesse sentido. O pequeno livro de Leonid Shur privilegia as primeiras décadas do século dezenove, momento anterior ao da difusão efetiva da literatura russa no Ocidente.¹ Boris Schnaiderman, nosso principal especialista na seara russa, escreveu artigos pioneiros sobre as relações literárias entre Rússia e Brasil.² Apesar de indicarem sugestivas direções de pesquisa, tal campo de estudos não foi prioridade dentro da sua extensa produção. *O ano vermelho*, de Moniz Bandeira, Clovis Melo e T. A. Bandeira, traz um pouco da literatura russa a reboque da profunda impressão gerada pela revolução russa.³ Na mesma linha existem estudos sobre a relação de intelectuais brasileiros com as diretrizes do realismo socialista.⁴ No âmbito acadêmico, elementos comparativos Brasil-Rússia foram incorporados a ensaios recentes de história cultural.⁵

A inserção “russa” mais conhecida na historiografia literária brasileira, talvez devido à justa reputação de pesquisador minucioso de seu desbravador, forneceu-a capítulo de Brito Broca sobre as vogas literárias de inícios do novecentos. Tolstói é um

¹ SHUR, Leonid, *Relações literárias e culturais entre Rússia e Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1986. Esta obra retoma pesquisas realizadas na década de 1960. Uma delas foi publicada em periódico brasileiro: “Origem das relações literárias russo-brasileiras”. *Leitura*, mar. 1963.

² Reunidos em boa parte no volume *Projeções: Brasil, Rússia, Itália*. São Paulo, Perspectiva, 1977; e no suplemento literário do *Estado de São Paulo*, na década de 1960.

³ BANDEIRA, Moniz; MELO, Clóvis; ANDRADE, A. T. *O ano vermelho. A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1980. 2ª ed. A parte inicial do livro contempla alguns contatos literários anteriores a 1917. Em todo caso, o enfoque é na questão política, não na literatura.

⁴ MORAES, Dênis de, *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.

⁵ Cf. HARDMAN, Francisco Foot, *Tremfantasma: a modernidade na selva*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991; SEVCENKO, Nicolau, *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1995. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de, *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, ed. 34, 1994. Francisco Foot Hardman apresenta a resposta dada por Gógol e Dostoiévski, sob a forma de figurações do diabólico e da ruína, à modernidade petersburguesa, similar, em muitos aspectos, ao processo de modernização brasileira. Em Sevcenko, Tolstói, Dostoiévski e Kropótkin são paradigmas para o tipo de intelectual personificado por Lima Barreto e Euclides da Cunha. O ensaio de Ricardo Benzaquen apresenta, de modo mais ou menos explícito, ramificações tolstoianas na obra de Gilberto Freyre. Análises literárias comparativas entre escritores russos e brasileiros são relativamente comuns na pesquisa universitária, embora, a meu conhecimento, ainda não tenham gerado mais do que artigos ou passagens de ensaios. Trabalhos de ótimo nível sobre a cultura russa têm aparecido constantemente. Veja-se GUINSBURG, J, *Stanislávski, Meierhold & Cia*. São Paulo, Perspectiva, 2001, e ANDRADE, Homero Freitas de, *O diabo solto em Moscou*. São Paulo, Edusp, 2002. A recente leva de traduções de escritores russos é a ponta de lança desse movimento, com destaque para as traduções dos romances de Dostoiévski feitas por Paulo Bezerra (editora 34). Talvez este seja o primeiro momento de apreciação dos escritores russos sem um referencial externo político a motivá-la.

dos cinco escritores contemplados. Sua recepção é mostrada na conexão exclusiva com pensadores anarquistas e socialistas brasileiros. Atrélada, de forma mais geral, a uma inspiração utópica e humanitária tão grandiosa quanto vaga.⁶ A conexão com o anarquismo foi devidamente ampliada em trabalhos monográficos publicados a partir das décadas de 70 e 80. Estes desdobraram aspectos literários do romance tolstoiano de Fabio Luz e Curvelo de Mendonça e a circulação de Tolstói e de Górkí, em prosa, verso, teatro e panfleto, nos meios libertários. Confluyente a esse ramo é a investigação sobre a literatura militante de Lima Barreto.⁷

Proponho a entrada no campo de estudos da recepção da literatura russa no Brasil por meio de um panorama articulado em dois eixos: *pesquisa documental* da recepção crítica do romance russo e estudo da vasta *bibliografia comparatista* que lida com outros casos de recepção da literatura russa no Ocidente; ambos mediados pelas discussões específicas fornecidas pela crítica literária e pela historiografia da cultura brasileira. A reconstituição da lógica específica do discurso crítico, tarefa a que me proponho, complementaré, espero, as pesquisas já existentes. Talvez esse percurso abra caminho para que as paixões do mundo da política possam ser reconduzidas para a literatura russa de maneira mais nuançada.

A chegada do romance russo ao Brasil foi pequena parcela de processo internacional deflagrado em França. Outros países deram sua cota de contribuição, mas a influência francesa foi determinante, especialmente no quinhão que nos cabe. Não se pode, pois, conhecer a crítica literária feita no Brasil sobre Tolstói e Dostoiévski sem remeter a esse cenário transnacional. O romance russo era a grande sensação europeia em meados da década de 1880. Na verdade, foi “inventado” para consumo internacional nesse período, quando surgem traduções em escala industrial e livros de crítica que, de forma pioneira, deram o tom (e estabeleceram os limites) do que seria dito depois. As questões e balizas aportadas por essa bibliografia, em especial pelo ensaio *O romance russo*, de Eugène-Melchior de Vogüé (1886), tornaram-se logo paradigmáticas. A maioria dos críticos, ensaístas e intelectuais recorria a ela para lastrear seus comentários. Lima Barreto buscou no prefácio de *Recordações da casa dos mortos*, escrito por Vogüé, pistas para falar de Dostoiévski. Esta mediação terá agido de forma quase tão decisiva na visão que o autor carioca tinha dos literatos russos quanto o diálogo com as tendências libertárias e com o “maximalismo”.

A descoberta do romance russo pela crítica fora da Rússia foi essencialmente *literária*. Embora a política tenha logo se tornado aspecto indissociável da circulação social da literatura russa, e a imagem do escritor-oprimido-pela-autocracia tenha servido de ímã poderoso, o entusiasmo pelos escritores recém-descobertos se devia à forma

⁶ BROCA, Brito, *A vida literária no Brasil—1900*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

⁷ Para um panorama atualizado da vertente de pesquisas sobre a cultura anarquista, indico a edição recente de HARDMAN, Francisco Foot, *Nem pátria, nem patrão! Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo, Unesp, 2002. 3ª ed; sobre Lima Barreto, PRADO, Antonio Amoni, *Lima Barreto. O crítico e a crise*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

inovadora como eles encaminhavam os mui discutidos problemas do realismo e do naturalismo. A seu modo, um ensaio como *O romance russo* era engajado e combativo. Mas suas ressonâncias missionárias – era preciso, no entender de seu autor, salvar a cultura francesa – radicavam-se nas reflexões acerca do romance e da estética. Quando Clóvis Bevilacqua defrontou-se com Dostoiévski em 1888-89 e produziu ensaio intitulado “Naturalismo russo – Dostoiévsky”, certamente tinha em mente as agitações “nihilistas”, conhecidas já de duas décadas, e, do lado de cá, a campanha abolicionista, na qual atuou. Isso é perceptível nas entrelinhas do ensaio. Mas sua abordagem do escritor russo indica interlocução com Vogüé e, como o próprio título dá a entender, com o problema de um gênero literário específico. A partir daí, Bevilacqua seguia para os entrecruzamentos de literatura e vida nacional, e, implicitamente, ponderava a posição social do artista e sua missão. Na tese, reduzo o foco nesse último aspecto. Em contrapartida, trago à tona os argumentos contidos no núcleo crítico e acompanho algumas de suas apropriações no espaço e no tempo.

Daí as delimitações no escopo da pesquisa. Por que estudar a recepção do “romance russo”, e não de Dostoiévski ou de Tolstói isoladamente? Embora a fortuna crítica de cada um dos romancistas tenha apresentado peculiaridades, algumas delas examinadas ao longo da tese, no período aqui delimitado a unidade semântica “romance russo” lhes abarcou. A tendência era tratar aqueles escritores em bloco e canalizá-los no romance, logo classificado como ponta de lança da “mensagem” russa. A redução é típica da recepção de literaturas desprovidas de tradição de estudos fora de seus locais de origem. As diferenças subsumem-se num modelo interpretativo que confere inteligibilidade e legitimidade a cada um dos casos individuais. Em outras palavras: para que a literatura russa fosse transformada em moeda de troca no mercado internacional de bens simbólicos do fim do oitocentos, teve que ser condensada em uma única categoria. É com esse modelo que os intelectuais e críticos brasileiros estavam dialogando. Sem que tivessem, todavia, deixado de perceber diferenças entre autores particulares, ou estivessem alheios a outras manifestações da cultura russa – poesia, teatro, dança, música, e a própria “alma” russa, estetizada e transformada em objeto de consumo. Assim, parece-me que o caminho mais apropriado para uma tese panorâmica é seguir o que sugere o título do estudo clássico sobre a difusão dos russos na França – *The Russian novel in France*.⁸

Em 1895, o personagem “Vanka”, de conto de Pedro Licínio, exibia aos amigos uma listagem do seu cabedal de leituras: “Conheço alguma coisa da Alemanha, tenho

⁸ HEMMINGS, F. W. J., *The Russian novel in France*. Oxford, Oxford UP, 1950. Diversos analistas observaram essa redução da literatura russa ao romance, no transcurso de sua recepção ocidental. Cf. ROHL, Magnus, *Le roman russe de Eugene-Melchior de Vogüé*. Estocolmo, Almqvist & Wiksell, 1976; DAVIE, Donald, ““Mr. Tolstoy, I presume? The Russian novel through Victorian spectacles””. In: *Essays on Russian and Polish literature*. Chicago, University of Chicago Press, 1990, p. 275; ALEKSËIEV, Mikhail, “La littérature russe et sa portée européenne”. In: *Actes du Ve congrès de l'Association Internationale de Littérature Comparée*. Belgrado, 1967. Muitos anos depois, um historiador da literatura proclamava: “a literatura russa moderna pertence toda ao romance”. REBELLO, A. Velloso, *Literaturas estrangeiras*. Rio de Janeiro, Pongetti, 1936, p. 411.

lido romancistas russos, recito poetas ingleses, tenho lido obras italianas, tenho os discursos de Castellar, as *Recordações da Itália*, e um amigo emprestou-me a *Vida* de Lord Byron, pelo mesmo, já vi no Catilina, os livros de Horácio e conheci um poeta que encimou seus versos com este de Virgílio: *O Meliboe, Deus nobis hoec otia fecit.* (...)”⁹ A novidade enfatizada pelo emprego do verbo no tempo composto: “*tenho lido*”. O verso é clássico, a inspiração poética vem do romantismo inglês, a Itália produz “obras”, mas o *romance é russo*. As duas palavras se imbricam.

A simbiose entre literatura russa e romance virou até motivo de blague. Em uma das “geografias do Hermes” que o paulistano *O pirralho* publicava – satirizando Hermes da Fonseca, alvo predileto do periódico – eis como se define o item “fauna” do país “Rússia”: “Fauna – lá tem muitos romancistas, mas em compensação não tem estrada de ferro funicular”.¹⁰

Fica claro, portanto, o porquê da primeira data sugerida na delimitação cronológica. Vêm dessa época – a segunda metade da década de 1880 – os primeiros textos que utilizavam os romancistas russos como contraponto a questões literárias candentes, em movimento similar ao que se fazia em outros países das Américas, da Ásia e da Europa, mesmo nos países eslavos. A data final (1936) representa momento em que os contornos da discussão gerada no fim de século já não são mais visíveis ou relevantes para a tarefa da crítica. Esse momento poderia ser colhido em qualquer ponto da década de trinta, pois que a busca de novos referenciais na lide com a literatura russa era uma tendência geral. A data em questão foi escolhida por localizar-se imediatamente antes da entrada em cena das novas relações político-culturais do Estado Novo, que trouxeram alterações quantitativas (aumenta o volume de textos publicados sobre literatura russa) e qualitativas (aparecimento de novos ensaístas e projetos editoriais mais encorpados, como a edição de Dostoiévski da José Olympio, a partir do início da década de 1940).

Nesse intervalo de tempo, surge um universo multifacetado, em que um sem-número de escritores, artistas e intelectuais defronta-se com a literatura russa. Psiquiatras, literatos partidários e opositores do naturalismo, pensadores católicos, anarquistas e nefelibatas formam um quadro complexo e, ao mesmo tempo, bastante restrito. Complexo porque muito mais gente conhecia o romance russo do que se supõe; restrito porque a crítica literária, pelo menos até a década de 1910, movia-se cerradamente em torno de uma seleção diminuta de passagens e obras, gerando uma seqüência interminável

⁹ LICÍNIO, Pedro. “Vanka”, *Sirius*, 5 set. 1895. “Vanka”, aliás, é o título de um conto de Tchêkhov anunciado na “Biblioteca social *A inovadora*” do jornal libertário *A Plebe*, jul. 1922.

¹⁰ “Geografia do Hermes – capítulo IX – Rússia”, 6 set. 1913. E no mesmo artigo: “Cidades principais – Moscou, cidade que pegou fogo, porque quando Napoleão cercou ela, disse pra nenhum soldado pegar fogo na igreja, mas um soldado, que estava na água, pegou fogo. Inclusive morreu queimado o dito soldado, mas em compensação Napoleão não morreu. Isso aconteceu na guerra russo-japonesa. Porto Arthur não é mais da Rússia. Tolstoi, cidade literária que deu nome ao conde do mesmo nome; Sebastopol, em português São Sebastião do Paraíso, cidade que ganhou muitas batalhas na guerra contra o Japão./ Exército – acabou depois da guerra, mas dizem que vai começar outra vez”.

de glosas, paráfrases e adaptações. Em contraste – provavelmente, pois isso somente análises intertextuais, a história social da leitura do romance russo e pesquisas sobre o mercado editorial poderão mostrar – com a variedade de apropriações possíveis fora da linguagem e dos propósitos do discurso crítico.

O objetivo da primeira parte, “A sociologia sentimental”, concentrada no período que vai até o início dos anos vinte, é apresentar os principais pontos do paradigma crítico finissecular. O primeiro capítulo, “Niilismo, modo de usar”, mostra que havia conhecimento da literatura russa fora de suas fronteiras, inclusive no Brasil, antes da década de 1880. Púchkin e Gógol estavam traduzidos, e o sucesso de Turguêniev nos cenáculos ocidentais é fato notório (Tolstói e Dostoiévski, por outro lado, eram ilustres desconhecidos). Estes contatos, contudo, davam-se em escala diminuta. A idéia de “literatura russa” era considerada contradição em termos nos círculos bem-pensantes. Mesmo os poucos interessados no assunto não ousariam dizer que algum daqueles escritores seria capaz de fornecer direções para a ficção francesa ou inglesa. Exceção feita a Prosper Mérimée, nenhum intelectual do *establishment* de meados do século se manifestou em prol da literatura russa. Flaubert foi apresentado a Tolstói e a Púchkin por Turguêniev, e, se é certo que identificou elementos de Shakespeare no primeiro, deixou claro que considerava tudo aquilo um tanto vulgar. É anacrônico, portanto, conferir aos romancistas russos, naquela altura, a mesma validade simbólica de que passariam a dispor do fim de século em diante.

“Um naturalismo superior” (primeira parte) trata da divulgação maciça dos romancistas russos a partir da metade dos anos 1880, especialmente de 1883-1886. Este é um dos fenômenos mais bem documentados da história literária. Apresento exemplos do aumento vertiginoso do número de traduções e do entusiasmo generalizado nos meios intelectuais. Em seguida, resumo os argumentos existentes nos principais textos críticos. Fatores extraliterários contribuíram para o *boom* do romance russo: a momentosa aliança franco-russa foi decisiva nesse sentido. Mas o que o tornou influente no plano da literatura foi a noção, depois firmada como *topos* da crítica, de que o tipo de prosa ficcional apresentada pelos russos *regenerava o realismo e o naturalismo*. Como tal, podia ser contraposta a Zola (ou a Flaubert). O capítulo seguinte, segunda parte de “Um naturalismo superior”, mostra como esse debate foi recebido e reconstruído por críticos e intelectuais brasileiros.

“Taxonomias do cinza” recupera algumas inserções do romance russo na *belle époque*, com destaque para a sedutora imagem da “alma russa” e para o *pathos* que lhe era atribuído. O capítulo também faz um balanço das traduções de literatura russa disponíveis em livro e em periódicos no mesmo período.

Os dois capítulos subsequentes, “Uma espécie de Isaías” e “O profeta e o veto”, delineiam as repercussões particulares de, respectivamente, Tolstói e Dostoiévski. No primeiro caso, a imagem fortíssima do conde e sua veia de polemista se sobrepuseram à atividade de romancista. Ao contrário de Tolstói, que foi das figuras públicas mais importantes do fim de século e da *belle époque*, vivo e (bastante) ativo até 1910,

Dostoiévski ficou circunscrito às páginas da crítica. Por isso, sua recepção, inteiramente póstuma, esteve acentuadamente marcada pelas diretrizes da crítica francesa.

O sétimo capítulo, “Romance russo e nosografia” fala da apropriação – extremamente importante, no contexto brasileiro – médico-jurídica da ficção russa. Em muitos aspectos, este capítulo prolonga o anterior. A psicopatologia encontrou afinidade eletiva em Dostoiévski e os dois legitimaram-se mutuamente.

O excuro “Resistências” encerra a primeira parte mostrando juízos contrários ao romance russo. A contracorrente era bem mais branda do que o fluxo das aprovações, mas houve vozes que reprovaram aspectos da narrativa russa (a “lentidão” de Dostoiévski, por exemplo) e exploraram à farta as contradições entre teoria e prática tolstoianas.

A segunda parte, “Anjos e espectros”, estuda as décadas de vinte e trinta; nelas, o questionamento e abandono das interpretações e dos modelos críticos finisseculares. O capítulo “A esterqueira do futuro” traceja a importância da Revolução Russa, o surgimento de novos interlocutores na crítica, em especial André Gide, e a relação dos diversos modernismos com a literatura russa. Já o nono capítulo, “Setembro de 1917, ou: paralelos Brasil-Rússia”, matiza o significado desses fenômenos e reafirma o andamento relativamente particular do discurso crítico. A revolução bolchevique, de impacto inegável, não foi o marco zero da recepção dos escritores russos no Brasil. Os ensaios alentados de Vicente Licínio Cardoso e Fábio Luz mostram que não havia instrumental crítico disponível para se discutir as questões geradas pela revolução fora do estoque de temas que, em meados da década de vinte, já datava de quarenta anos.

“O terceiro elemento” traz a participação dos intelectuais católicos, leitores constantes de Dostoiévski, Górkí e Tolstói. Esta será, suponho, a associação mais surpreendente desta tese, visto que a literatura russa é habitualmente tida como uma espécie de patrimônio da esquerda. Conquanto mostre limites das interpretações daqueles intelectuais (Alceu Amoroso Lima, Tasso da Silveira, Jackson de Figueiredo, entre outros), limites impostos pela imposição dos temas da ordem e da reação à literatura, o objetivo do capítulo é destacar a relevância dos problemas específicos da tradição cristã para o estudo dos romancistas russos. O controle que os intelectuais católicos tinham dessa tradição facultava-lhes o acesso a zonas da literatura russa pouco exploradas pela crítica brasileira, em especial à tradição da crítica filosófica e simbolista.

O último capítulo, “O romance russo em xeque”, apresenta, além de um breve panorama do mercado editorial dos anos 30, textos que desconfiam abertamente das interpretações geradas no fim de século, e tentam cercar os romancistas russos por outros ângulos.

Esse roteiro não se encerra com a celebração da falência do olhar crítico de fim de século e sua substituição por uma visada mais, digamos, profissional: Melchior de Vogüé e Clóvis Bevilacqua, entre outros, detectaram aspectos cruciais da ficção russa, alguns dos quais coincidiam com as preocupações mais profundas de Dostoiévski e Tolstói em relação aos seus próprios procedimentos artísticos. Muitos desses aspectos

continuaram relevantes para os críticos das décadas de trinta em diante. Não se trata, portanto, de ratificar velhos preconceitos modernistas sobre a impossibilidade de se descobrir a “verdadeira” literatura dostoiévskiana antes da ação das vanguardas. No entanto, as descobertas dos críticos de fim de século foram efetuadas por meio de esquemas deterministas e de concepções orgânicas e românticas de literatura, as quais identificavam a efetiva ruptura no quadro realista/naturalista suscitada por um Dostoiévski, mas não conseguiam formulá-la sem recorrer à evocação de uma moral superior e alevantada de matriz beletrista. Sem substituí-lo de todo, é desse quadro que os intérpretes da década de 1930 passam a duvidar.

Alguna metodologia: as fontes da tese foram extraídas de arquivos particulares de escritores e de uma extensa pesquisa em periódicos e livros publicados entre 1887 e 1936, com antecipações e prolongamentos necessários para a confecção do argumento. Se muito do que segue é inédito ou pouquíssimo conhecido, não foi minha intenção fazer uma empreitada somente “arqueológica”. Tentei equilibrar os artefatos sujos de mofo dos arquivos com textos mais conhecidos – os “Apontamentos literários” (1887-1888) de José Carlos Júnior, por exemplo, com “A missão da Rússia” (1905), de Euclides da Cunha. Com perfilá-los conjuntamente, espero evidenciar os traços em comum e as diferenças entre eles.

Diga-se logo que não são muitos os textos monográficos dedicados exclusivamente ao tema da literatura russa, especialmente antes da década de trinta. Há grande número de referências dentro de artigos, capítulos de livros e ensaios que não lhe são diretamente dedicados. Mas, no que se refere a textos inteiramente consagrados a Tolstói ou a Dostoiévski, senti-me um pouco como os pesquisadores do mundo antigo, que têm de extrair o máximo de um pedaço de pergaminho ou de um fragmento de pedra. Faz falta, na recepção brasileira, obra mais substancial vinda da lavra de algum crítico de primeira linha. Mario de Andrade, Augusto Meyer e Araripe Júnior só escreveram apontamentos ou artigos. Alceu Amoroso Lima estava plenamente capacitado para escrever, na década de 1920, o que seria um volume excelente sobre Dostoiévski. Não o fez, e a tarefa coube a Hamilton Nogueira.

Isso não deve fazer fenecer a idéia de que a leitura do romance russo foi uma corrente subterrânea importante da vida literária brasileira, pois que, à parte franceses e portugueses, o espaço dedicado na crítica literária às literaturas estrangeiras no mesmo período também era relativamente exíguo, localizava-se em nichos e surgia em espasmos. Clóvis Bevilacqua publicou apenas um artigo sobre literatura russa, é verdade. Mas esse artigo era o único de seu *Épocas e individualidades* sobre um escritor estrangeiro. José Veríssimo bem poderia ter se expandido mais sobre a literatura russa; contudo, Tolstói foi dos poucos a merecer três ensaios de sua série *Homens e coisas estrangeiras*. Em Araripe Júnior e Artur Orlando, os literatos russos figuram em meio a outras considerações; só que a brevidade da aparição está em proporção inversa à dimensão intelectual que aqueles ensaístas lhes conferiam. Vicente Licínio Cardoso e Tasso da

Silveira publicaram um punhado de ensaios sobre o assunto. Em surdina, acalentavam projetos de escrever livros inteiros sobre o romance russo. E se Alceu Amoroso Lima não escreveu a obra supracitada, nem por isso a literatura russa deixou de ser um elemento fundamental de sua correspondência com Jackson de Figueiredo.

Isso quanto às fontes primárias. A bibliografia de apoio, por sua vez, se constitui da mais extensa relação que fui capaz de montar das obras comparativas pertinentes, em livro e em artigos especializados. Dada a inexistência dessa bibliografia no Brasil, vali-me de bibliotecas norte-americanas, especialmente das existentes na Universidade da Califórnia, em Berkeley, durante temporada de um ano de pesquisas. A ênfase é nas pesquisas em língua inglesa, francesa e espanhola (esta, existente em volume menor). São títulos como *La literatura rusa em España, Dostoevsky in England, Tolstoy in England and America, Tolstoi en France, Russian literature in the Hispanic world, Gogol's first century, L'opinion française face a l'inconnu russe, The Russian theme in English literature, East-West passage*.¹¹ Vali-me também de alguns livros e artigos em russo. Procurei não apresentar uma quantidade maciça de artigos no idioma de Gógol para não afastar os eventuais interessados em dar prosseguimento à pesquisa. Ademais, as obras em outros idiomas reproduzem e sintetizam as conclusões dos escritos em russo. A ausência maior, pelo meu desconhecimento do idioma, é a da bibliografia em alemão, que dispõe de forte tradição de eslavística comparada. Novamente, aplico a ressalva: não pretendo atribuir completude à listagem, muito embora seja provavelmente das mais detalhadas disponíveis.

Como seria de se esperar, a grande maioria dessas pesquisas explora as relações entre Rússia e países centrais. Incursões horizontais, visando a recepção da periferia pela periferia (ainda que quase sempre mediadas por Paris, Londres ou Berlim) são mais raras. O aparecimento do romance russo no Brasil, fenômeno *sui generis* no contexto das décadas de 1880 e 1890, por se tratar de uma literatura provinda de uma terra considerada “sem-literatura”, atçou o interesse dos literatos brasileiros, que imediatamente começaram a traçar paralelos entre o bem-sucedido caso russo e o brasileiro, ainda por se cumprir (assim o entendiam). A meta panorâmica desta tese fez com que o lado descritivo sobressaísse, mas vejo como extremamente fecunda a

¹¹ Observo que, da mesma forma que há uma alentada bibliografia sobre a recepção da literatura russa em outros países, existe também, na mesma medida, uma outra que ilumina a recepção de obras estrangeiras na Rússia. Como exemplos, cito ALIEKSÉIEV, M. P. *Russkaia kul'tura i romanskii mir*. Leningrado, Naúka, 1985; BARTA, Peter I. (org). *The european foundations of russian modernism*. Lewiston, The Edwin Mellen Press, 1991; GUKOVSKIJ, Grégoire. “Racine en Russie au XVIIIe siècle: la critique et les traducteurs”. *Revue des études slaves*, t. 7, 1927; POLONSKY, Rachel. *English literature and the russian aesthetic renaissance*. Cambridge, Cambridge UP, 1998; SIMMONS, Ernest J. *English literature and culture in Russia (1553-1840)*. Nova York, Octagon, 1964; TURKEVICH, Ludmilla B. *Cervantes in Russia*. Princeton, Princeton UP, 1950; WANNER, Adrian. *Baudelaire in Russia*. Gainesville, University of Florida Press, 1996; e os seguintes livros publicados pela Academia de Ciências da URSS: *Rossia i zapad: iz istorii literaturnikh otnochenii*, 1982; *Rossia, zapad, vostok: vstrietchnie tietcheniia k 100-letiu so dnia rojdeniia akademiika M. P. Aliekseieva*, 1996.

possibilidade de que os resultados aqui apresentados se desdobrem em inquirições acerca dos fluxos literários entre cenários à margem do centro.

Fica faltando, por impraticável nesse momento, um comentário sobre a recepção do romance russo em Portugal. Não posso deixar de mencionar sua importância aqui, devido não somente às conexões editoriais e intelectuais entre Brasil e Portugal quando dos primeiros momentos da recepção, como também da forma intensa com que Tolstói e Dostoiévski foram lidos pelos intelectuais portugueses. Boris Schnaderman e o eslavista norte-americano William Edgerton já apontaram esse fato.¹² Limite-me aqui a observar que, já em 1892, Jaime de Magalhães Lima publicava em Portugal um estudo sobre as doutrinas de Tolstói. Bastante precoce, se pensarmos que é do mesmo ano a primeira síntese do tolstoísmo em França.¹³

A bibliografia da tese contém obras literárias russas, estudos de cultura e literatura brasileira, investigações na área da teoria e da crítica literária. A maior parte da bibliografia é composta de monografias sobre a Rússia. Separei-as em dois grupos: o item “Estudos comparativos; recepção crítica” é o mais extenso. Como já foi mencionado, concentrei esforços na montagem dessa listagem, pois trata-se de uma área de pesquisas virtualmente desconhecida na universidade brasileira. No item “História, literatura e cultura russa” dei preferência a obras mais recentes. Dois anexos vêm em seguida. O primeiro (“Fontes primárias”) traz a listagem completa dos periódicos pesquisados e dos manuscritos, artigos, ensaios e capítulos de livros. O segundo anexo reproduz algumas fontes significativas. Privilegiei textos de difícil acesso. Por essa razão, não estão disponíveis ensaios como os de José Veríssimo, recentemente publicados.

¹² SCHNAIDERMAN, Boris, *Leão Tolstoi: antiarte e rebeldia*. São Paulo, Perspectiva, 1983, pp. 92-93; EDGERTON, William, “Tolstoy and Magalhães Lima”. *Comparative Literature*, v. XXVIII, n. 1, 1976. Este autor desdobrou a pesquisa em outro ensaio, no qual faz assertiva enfática: “(...) It is clear that a number of important writers in both countries have been attracted to Dostoevskij as a literary psychologist. In this respect, however, they are not very distinctive from writers all over the rest of Europe. What is distinctive, I believe, among the Spanish and Portuguese, is their remarkable affinity with Dostoevskij in metaphysical outlook, in their preoccupation with the same great questions of faith and doubt, spirit and flesh, good and evil, that were the lifelong concern of the great Russian master. It would be hard to think of any other Western culture in which this aspect of Dostoevskij’s work has found such resonance”. EDGERTON, William, “Spanish and Portuguese responses to Dostoevskij”. *Revue de Littérature Comparée*, t. LV, jul/dez. 1981, p. 438. Talvez um pouco de exagero didático do pesquisador, para tentar convencer o que deve ser um público reticente.

¹³ *Tolstoy et la philosophie de l’amour*, de George Dumas. Cf. HEMMINGS, F. W. J., op. cit., p. 184. A obra de Magalhães Lima intitula-se *As doutrinas do Conde Leão Tolstoi*.